

O QUE UMA MULHER NÃO DEVEIA SER NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX: uma análise da personagem Adelaide, do romance de Maria Firmina dos Reis

Melissa Rosa Teixeira Mendes¹

O romance *Úrsula*, da escritora maranhense Maria Firmina dos Reis, foi publicado em 1859. Seu enredo centra-se no triângulo amoroso entre Tancredo, Úrsula e Fernando. A personagem Adelaide é antagonista de Úrsula, personagem principal, homônima do romance.

Adelaide foi a primeira mulher por quem Tancredo (par romântico de Úrsula) se apaixonou. Segundo a narrativa, a jovem era filha da prima da mãe de Tancredo e ficou órfã de pai e mãe; por esse motivo, foi viver na casa da família do rapaz. “Meu filho – disse-me minha mãe, apresentando-me a formosa donzela – eis Adelaide, a minha querida Adelaide. É filha de minha prima e órfã de mãe e pai. Recolhi-a e amo-a como se fora minha própria filha” (REIS, 2004, p. 59). Temos aqui uma moça órfã, ou seja, em sua vida há um desequilíbrio familiar para a sociedade da primeira metade do século XIX, no Maranhão. Ela ficou sem sua própria família, sem um pai para coibir possíveis desvios comportamentais esperados das mulheres e mesmo sem uma mãe que lhe servisse como exemplo da conduta correta desejada para as mulheres. Sendo assim, precisa de outra família, pois uma moça *de bem* não poderia ficar sozinha. A família que a recebe é a de Tancredo, a mãe do rapaz passa a cuidar dela como se fosse a própria filha.

O capítulo em que o leitor é apresentado à personagem Adelaide, intitula-se *A primeira impressão* (capítulo IV). Esse título já nos sugere a intenção da escritora na apresentação da personagem aos leitores: é ainda uma primeira impressão, pois Adelaide mudará de postura no decorrer da trama, revelando sua verdadeira personalidade.

Essa primeira impressão mostra Adelaide como uma jovem cujo perfil ora se distancia, ora se aproxima em alguns aspectos da protagonista, Úrsula. Tancredo conhece Adelaide ao retornar do término de seu curso de Direito em São Paulo. Ao ver a jovem pela primeira vez, o rapaz conta que “junto de minha pobre mãe [...] eu vi uma mulher **bela e sedutora, dessas que enlouquecem desde a primeira vista**” (REIS, 2004, p. 58, grifo nosso). Percebe-se aqui um distanciamento entre a primeira imagem que Tancredo fez de Úrsula e a que faz de Adelaide. A segunda é descrita como uma mulher sedutora, capaz de enlouquecer um homem. Durante toda a narrativa, Adelaide é descrita pelas impressões e lembranças de Tancredo que conta à Úrsula sobre o que viveu com sua primeira amada.

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Maranhão.

Assim é a impressão inicial que Tancredo faz de Adelaide, ao chegar em casa pela primeira vez após alguns anos estudando em São Paulo, o rapaz afirma que “no primeiro transporte de alegria, enquanto minha mãe chorava de satisfação, ela [Adelaide] com os olhos fitos em um bordado, que tinha entre as mãos, parecia distraída; e eu revia-me na sua **beleza tão pura como a estrela da manhã**” (REIS, 2004, p. 58, grifo nosso). Nessa passagem, Adelaide já nos é apresentada com uma “beleza tão pura”, aproximando-se da ideia de pureza feminina, tão difundida pelas representações da primeira metade do século XIX. Além disso, a jovem desempenha um ofício feminino, pois está bordando, uma referência ao tipo de afazeres que as mulheres do período realizavam, pois como analisamos no primeiro capítulo, as mulheres recebiam alguns “conhecimento básicos, principalmente as chamadas prendas domésticas, tais como costurar, bordar, fazer rendas e outros serviços da casa” (ISMÉRIO, 1995, p. 31).

A partir de então, Tancredo passa a conviver diariamente com a jovem e a vê-la como a mulher ideal, pois “eu a via – exclamou, erguendo a voz, num transporte de satisfação – vi-a, era bela como a rosa a desabrochar, e em sua pureza semelhava-se à açucena cândida e vaporosa!” (REIS, 2004, p. 32), ainda, segundo o rapaz:

Aprazia-me ver Adelaide, no arrebol da vida, **tão casta, tão encantadora**, compartilhando ora a dor, que nos oprimia, ora o prazer que enchia nossos corações. **Em Adelaide minha mãe encontrara uma desvelada amiga**; a sua extrema beleza, e a dedicação àquela mulher, que eu tanto amava, atraíam-me incessantemente para ela; e a primeira vez que a vi, o meu coração adivinhou que havia de amá-la (REIS, 2004, p.61, grifo nosso).

O rapaz, nessa primeira impressão, vê em Adelaide os aspectos positivos da mulher *de bem*. Ela é jovem, pura (virgem), encantadora, bela, dedicada e torna-se companheira de sua mãe (que, como veremos a seguir, era solitária e sofria com a dominação do marido). Dessa forma, Adelaide preenche todos os requisitos da boa esposa. Por esses motivos, e ainda determinado por ardente amor, Tancredo confessa-se à jovem que corresponde ao seu sentimento, mas afirma que há um impedimento para viverem esse amor, pois “Tancredo, sou pobre, e teu pai se há de opor a semelhante união” (REIS, 2004, p. 61). É o mesmo argumento que a mãe de Tancredo utiliza para dissuadir o filho de levar seu sentimento adiante, ela fala ao filho que “tu amas Adelaide, eu o tenho adivinhado [...] Vais amargar a tua existência... Não cedas a um amor que te pode vir a ser funesto. Adelaide é uma pobre órfã, e teu pai não consentirá que sejas teu esposo” (REIS, 2004, p. 61).

Outra vez mais no romance percebe-se a visão que perpassava a sociedade maranhense da primeira metade do século XIX, no que diz respeito a contrair matrimônio com uma pessoa

da mesma camada social. Como o que ocorre quando Tancredo pede Úrsula em casamento à mãe da jovem. Como analisamos anteriormente, não era comum pessoas de classes sociais diferentes casarem-se entre si. Pessoas de classes sociais mais abastadas tinham o hábito recorrente de se casar com seus pares, pois “o casamento nessa época e nessa classe social era um negócio” (RIBEIRO, 2008, p. 151). Mas Tancredo, representante dos novos costumes que chegavam às terras maranhenses (e brasileiras), não se demove de sua determinação em tornar Adelaide sua esposa. Ele tentará convencer o pai a deixá-lo contrair esse matrimônio. Porém, antes de levar ao pai o conhecimento sobre o assunto, Tancredo precisa das bençãos de sua genitora, pois embora ele ame Adelaide, como um filho exemplar, ele precisa do consentimento da mãe (e também do pai) para casar-se com a mulher a quem escolheu. Assim, ele solicita: “minha mãe, abençoi [...] o nosso amor; porque esta há de ser a esposa de vosso filho” (REIS, 2004, p. 62). A mãe do rapaz, desejando a felicidade do filho, abençoa a escolha dos jovens dizendo: “meus filhos, o céu lhe ilumine as trevas do pensamento cobiçoso e que eu os veja unidos e felizes” (REIS, 2004, p. 62). Assim, mesmo tendo a possibilidade de escolher o futuro cônjuge, “o consentimento dos mais velhos continuava abençoando as uniões e cabia ao pai decidir e determinar o futuro dos filhos” (PRIORE, 2006, p. 165).

O capítulo se encerra com a tentativa frustrada da mãe de Tancredo em convencer o esposo a consentir que o filho se case com a jovem órfã e pobre. Pois “entre as elites brancas, eles [os matrimônios] eram, sobretudo, atos sociais de grande importância” (PRIORE, 2006, p. 165). Porém, no capítulo seguinte, denominado *A entrevista* (capítulo V), Tancredo irá dedicar-se a conversar com a figura paterna, tentando persuadir o pai a ceder ao aceite de seu casamento com Adelaide. O pai do rapaz lhe faz uma proposta: ele aceitaria o casamento do filho, porém, com uma condição:

Pois bem [...] Tancredo, és o desposado de Adelaide – disse-me – doravante esse tesouro, que hás amado, será por mim vigiado como a mais preciosa esperança da tua suprema ventura: Adelaide, porém, é ainda uma criança, e a experiência de uma já longa existência obriga-me a impor-te uma condição de esperar por essa união por um ano (REIS, 2004, p. 73).

Tancredo tenta dissuadir o pai de tal proposta, mas suas tentativas são frustradas. O rapaz não poderia ir de encontro às exigências do pai, pois “Deus não protege a quem se opõe à vontade paterna” (REIS, 2004, p. 63). Além disso, o pai argumenta que:

A esposa, que tomamos, é a companheira eterna dos nossos dias. Com ela repartimos as nossas dores, ou os prazeres que nos afaçam a vida. Se é ela virtuosa, nossos filhos crescerão abençoados pelo céu; porque é ela que lhes dá a primeira educação, as primeiras ideias de moral; é ela enfim quem lhes

forma o coração, e os mete na carreira da vida com um passo, que a virtude marca. Mas, se pelo contrário, sua educação abandonada torna-a uma mulher sem alma, incosequente, leviana, estúpida ou impertinente, então do paraíso das nossas sonhadas venturas despenhamo-nos num abismo de eterno desgosto. O sorriso foge-nos dos lábios, a alegria do coração, o sono das noites, e a amargura nos entra na alma e nos tortura. Amaldiçoamos sem cessar essa mulher que adorávamos prostrados; porque se nos figura agora o anjo perseguidor dos nossos dias (REIS, 2004, p. 73-74).

Percebe-se nessa passagem que a personagem “pai de Tancredo”² incorporou toda a representação social sobre as mulheres na primeira metade do século XIX, no Maranhão. Ele personifica em si toda a imagem social que se faz sobre as mulheres, principalmente no que perpassa às ideias sobre educação, casamento e maternidade. Dessa forma, a esposa é vista como uma companheira responsável pelo bom ou mau desempenho do casamento e da criação/educação da prole. A mulher de bem tornar-se a esposa virtuosa, que, na condição de mulher ideal, submetia-se ao homem, é exemplo a ser seguido pelos filhos, sendo sua primeira educadora. A mulher infame acaba por tornar-se a esposa sem virtudes, condenando o marido e os filhos ao sofrimento. Assim, cabe ao comportamento da mulher o sucesso (ou o fracasso) da família. As mulheres então deveriam ser educadas para tornarem-se boas esposas e mães exemplares, alicerçando, dessa forma, o ideal de família que se pretendia ao transmitir e perpetuar os valores sociais de patriarcalismo, monogamia, heterossexualidade e cristandade.

Dessa forma, devido ao controle exercido sobre o comportamento feminino “foi-lhe introjetada a mentalidade de ser sempre a culpada pelos fracassos do marido, dos filhos e da família quando algo não dava certo. Se falhasse na missão, ou houvesse algum incidente familiar considerado negativo, ela seria a suspeita em potencial” (SILVA, 2010, p. 127).

Porém, Tancredo argumenta ainda que “mas, meu pai! Que dotes faltam ainda ao espírito de Adelaide? [...] Não a tem educado minha mãe!” (REIS, 2004, p. 74). É um forte argumento, pois a mãe de Tancredo é uma representante do arquétipo ideal de mulher. Assim, Adelaide estava sendo educada corretamente, por uma mulher de bem, uma esposa exemplar e mãe dedicada: uma mulher submissa, como veremos, ao analisar essa personagem. Mas, segundo o pai do rapaz “sua educação não está completa”, pois “Adelaide é apenas uma criança; é tão nova...” (REIS, 2004, p. 74). O pai do rapaz encerra a discussão afirmando que Tancredo recebeu uma excelente proposta de emprego; por esse motivo, o jovem deve viajar o quanto antes para assumir seu cargo, passando um ano longe, para que a educação de Adelaide se completasse e ele pudesse desposá-la. Por fim, Tancredo desiste de discutir com o pai, pois

² O pai de Tancredo aparece na narrativa sem um nome próprio, ele é apenas o pai do rapaz.

“revolveram-se-me então na mente abrasada ideias, que mal compadeciam com os sacros deveres prescritos a um filho pela sociedade e pela natureza” (REIS, 2004, p. 75).

No capítulo seguinte, a narradora nos apresenta *A despedida* (capítulo VI). É o momento em que Tancredo se separa novamente de sua mãe e agora de sua amada Adelaide para assumir um emprego público em outra cidade.

O capítulo posterior é intitulado *Adelaide* (capítulo VII) e nesse tópico a narradora nos apresentará a verdadeira personalidade da personagem, pois já haverá passado a *primeira impressão*. Assim, a imagem de docilidade cederá espaço para a de uma mulher interesseira, segundo Tancredo, “não podia imaginar que sob as aparências de um anjo essa pérfida ocultava um coração traidor como o do assassino dos sertões” (REIS, 2004, p. 83).

O capítulo inicia-se com o rapaz recebendo uma última carta de sua mãe, que havia adoecido, além de carta de seu pai e amigos, porém nenhuma de sua amada Adelaide. O rapaz descobrirá que a mãe falecera. Durante dias ele fica deprimido e doente. Ao recuperar-se, parte rumo à casa paterna. Chegando ao seu destino, descobre uma *nova* Adelaide. A cena do reencontro entre Tancredo e Adelaide é descrita pelo próprio rapaz:

No salão havia um turbilhão de luzes; no fundo, reclinada em primoroso sofá, estava uma mulher de extrema beleza. Figurou-se-me um anjo. A esplendente claridade, que iluminava esse salão dourado, dando-lhe de chapa sobre a fronte larga e límpida circundava-a de voluptuoso encanto. Era Adelaide. Adornava-a um rico vestido de seda cor de pérolas, e no seu seio nu ondeava-lhe um precioso colar de brilhantes e pérolas, e os cabelos estavam enastrados de joias de não menor valor. Distraída, no meio de tão opulento esplendor, aflagava meigamente as penas de seu leque dourado. [...] E naquele momento, seduzido pelos seus encantos, louco pela ventura de vê-la, esqueci a mágoa, que me doía o coração, da perda de minha mãe. Estendi-lhe os braços, e as expressões morreram-me nos lábios, curvando-me ante ela, ia tomar-lhe as mãos, e beijá-las com efusão; mas ela então altiva e desdenhosa disse-me com frieza, que me gelou de neve. – Tancredo, respeita a esposa de vosso pai! (REIS, 2004, p. 87-88).

Adelaide, durante o tempo em que Tancredo permaneceu distante, casou-se com o pai do rapaz, tão logo a mãe do jovem falecera. Nessa cena, nota-se que não havia mais rastro algum da jovem doce, meiga e aparentemente imatura de outrora. Aqui, Adelaide nos é apresentada como uma mulher altiva, segura e que ostenta os luxos da classe social que o casamento lhe proporcionou. O salão onde ocorre o encontro é dourado, tal como o ouro; Adelaide está reclinada sobre um belo sofá, como uma diva, uma musa a ser venerada. Uma mulher que desperta desejos, pois possui “extrema beleza”. Tudo nela é exterior, não se conta nada sobre sua alma. Desde o lugar onde está, passando por seus gestos e chegando às suas vestes e acessórios, tudo em Adelaide é material, físico, pressupondo uma ideia de ganância e

luxúria. Tanta era sua beleza física, seu esplendor na riqueza, que Tancredo, por um momento, a cobiçou, sendo capaz de esquecer a dor da perda de sua amada mãe. Nesse momento, Adelaide parece representar, personificar em si mesma, a cobiça.

A partir de então, a forma como Tancredo vê essa mulher sofre uma mudança total, pois, segundo o rapaz, “uma outra mulher eu via! Era terrível essa visão infernal, e julguei morrer de desesperação; porque dia e noite ela, implacável, desdenhosa, e fria estava ante meus olhos!...” (REIS, 2004, p. 50).

A mulher, que tinha ante meus olhos, era um fantasma terrível, era um **demônio de traições**, que na mente abrasada de desesperação figurava-se-me **sorrindo para mim com insultuoso escárnio**. Parecia **horrível, desferindo chamadas dos olhos, e que me cercava e dava estrepitosas gargalhadas**. Erguia-se para mim ameaçadora, e abraçava e beijava outro ente de aspecto também medonho. Ambos no meio de orgia infernal cercavam-me e não me deixavam partir (REIS, 2004, p. 88, grifos nossos).

Adelaide já não se apresenta como o anjo da primeira impressão, agora sua descrição é parecida com a de um demônio de olhos vermelhos como o fogo e de risadas maquiavélicas. Nesse sentido, sendo o contraposto da Santa virgem Úrsula, Adelaide passa a ser apresentada aos leitores como a Eva pecadora, que se deixou seduzir pela serpente. No caso de Adelaide, a serpente é o próprio dinheiro, a ascensão social. E a personagem Adelaide é a representação da pecadora Eva, o arquétipo primordial de todas as mulheres que não seguem o caminho correto, esperado, desejado para seu gênero; ela foi “feita de uma costela de Adão, ou seja, um osso torto que já denota uma imperfeição desde sua criação e nas suas características femininas” (ISMÉRIO, 1995, p. 44).

A mulher que não seguisse o caminho correto, sendo boa filha, esposa respeitável e mãe exemplar, “era considerada um ser altamente nocivo à sociedade, pois todas eram movidas unicamente pelo instinto sexual e devido a isso eram servas do demônio” (ISMÉRIO, 1995, p. 45). E como uma serva do Diabo, Adelaide se apresenta na visão de Tancredo: “Dissiparam-se-me as trevas, a luz volveu-me e com ela apagaram-se as ondas de fogo, que rodeavam essa pérfida criatura. Encarei-a de face – estava impassível e fria como a estátua do desengano” (REIS, 2004, p. 88). Adelaide já não é a bela e doce jovem, mas uma criatura pérfida, fria. A encarnação do demônio. O próprio rapaz a adjetiva, chamando-a de “monstro, demônio, mulher fementida” (REIS, 2004, p. 89).

As expressões e gestos de Adelaide alteram-se consideravelmente e em nada relembram a jovem comedida, recatada de antes, pois “de repente um sorriso, que me pareceu infernal, errou-lhe nos lábios – era seu esposo, que grave e silencioso atravessava o salão, e ela julgava-

se isenta de minhas recriminações e sentia-se livre de desagradáveis lembranças” (REIS, 2004, p. 89). Agora ela era a senhora daquela casa e tinha, ao seu lado, um esposo a defendê-la. O pai de Tancredo aparece na cena do encontro entre ele e Adelaide e o rapaz informa ao seu genitor que:

Sondastes o coração de um, e sem dificuldade conhecestes que era vil e baixo, que o ouro a deslumbrava, a enlouquecia, a aviltava, e essa que com tanta facilidade sacrificava ao luxo os afetos de seu coração, ou que com infame procedimento esquecia o amor desinteressado, e puro do homem que sabia idolatrá-la, essa, roubando-a ao meu coração, levastes aos altares, e fizestes a vossa esposa! Tiveste razão: ela não era digna do meu amor (REIS, 2004, p. 90).

Tancredo entende que o pai parece ter “descoberto” o quanto Adelaide era gananciosa, desejando a riqueza e que, por esse motivo, conseguiu conquistar a ex-noiva do próprio filho. Tancredo enxerga em Adelaide a personificação da mulher traidora, que não foi capaz de conservar/respeitar o amor que o jovem nutria por ela. E, pior, ter trocado esse amor sincero por dinheiro. A mulher, nesse arquétipo da Eva pecadora, é símbolo do pecado, porque “são as presas mais fáceis do demônio, como elas próprias encarnam a tentação” (FRUGONI, 1990, p. 473). Adelaide é mulher, e como fêmea é a encarnação do pecado, pois Eva foi a mulher enganada pela serpente, a mulher que caiu em tentação. Além de se deixar levar pela tentação do Diabo, Eva, a mulher, representa o próprio pecado, pois desperta no homem a luxúria. Esse é um dos motivos criados pelo discurso patriarcalista, pois a mulher devia submeter-se ao homem, para que fosse adestrada, pois “seria impossível conviver impunemente com tanto perigo, com tal demônio em forma de gente” (PRIORE, 2010, p. 33).

Dessa forma, embora o pai de Tancredo tenha se casado com essa mulher, o pecado não reside totalmente nele, mas na própria Adelaide, pois ao sondar a alma dessa mulher pecadora, o pai do rapaz percebeu o quanto ela era vil e interesseira. A culpa, portanto, está nela, na descendente de Eva, que despertou a luxúria desse homem. Além disso, no início da trama, Tancredo nos apresentou Adelaide como uma mulher “bela como um anjo, sedutora como uma fada” (REIS, 2004, p. 35). Ela representa a tentação à qual os homens podem se deixar levar, e é isso o que ocorre com o pai de Tancredo: ele se deixa *cair em tentação* ao desposar a sedutora Adelaide. Essa visão cristã perpassará as representações sociais a respeito da forma como homens e mulheres são vistos diante da ideia de pecado:

[...] os primeiros são pecadores devido ao uso excessivo de suas capacidades e iniciativas, ou por serem incapazes de controlar impulsos e sentimentos; as outras, pelo contrário, não devem empenhar-se em nada, porque o seu corpo já as transporta inexoravelmente para a transgressão; *não são um sujeito*

pecador, mas um modo de pecar, oferecido ao homem (FRUGONI, 1990, p. 475, grifos da autora).

“A mulher, assim diabolizada, confundia-se com o mal, o pecado e a traição, tudo aquilo enfim que ameaçava os homens ou o projeto normalizador da Igreja e do Estado modernos” (PRIORE, 2009, p. 100). Tancredo então descobre a verdadeira natureza dessa mulher e passa a pensar e vê Adelaide de outra forma, pois ela é uma traidora, uma mentirosa que havia jurado amor e se deixou levar pela cobiça:

– Mulher infame! – disse-lhe – perjura... onde estão os teus votos? É assim que retribuístes a estremecida paixão que te rendi? É com um requinte de vil e vergonhosa traição que compensaste o ardente afeto de minha alma? Compreendeste ou sondaste já o profundo abismo de infame execração, e de baixa degradação, em que te despenhaste? (REIS, 2004, p. 88-89).

Adelaide passa a ser vista a partir da oposição que existe entre ela e Úrsula, (lembrando que Adelaide aparece ao leitor pela narrativa do próprio Tancredo; o rapaz irá contar toda sua história com essa mulher, para Úrsula) porque “Eva foi seduzida pelo demônio em forma de serpente, sendo a grande responsável pela expulsão da humanidade do paraíso criado por Deus. A retomada da figura de Eva era necessária para que se possa ter o lado oposto da figura de Maria” (ISMÉRIO, 1995, p. 46). O amor que Tancredo desenvolverá por Úrsula o curará das dores causadas por Adelaide. O próprio jovem confessa para Úrsula que:

Sim, julguei morrer; mas vós aparecestes junto ao meu leito, vi-vos, e as dores se amodorraram, e como se eu visse a Senhora dos Aflitos levando à cabeceira um dos anjos que a rodeiam, e que lançou bálsamo divino em minhas feridas, que se cicatrizaram e o coração serenou, alma ficou livre (REIS, 2004, p. 50).

As mulheres que se desvirtuavam do padrão ideal esperado, de mulher doce, frágil, santa, desprendida, dedicada ao marido e aos filhos, cometem um pecado e, por esse motivo, “devem ser durante punidas, quais anjos rebeldes, porque a sua derrota arrasta também consigo a validade do modelo proposto: um comportamento especialmente virtuoso no cumprimento de uma série de regras ascéticas e de renúncia” (FRUGONI, 1990, p. 468). Por esse motivo, Tancredo amaldiçoa a ex-mulher a quem dedicou grande paixão, pois uma mulher traidora, pecadora como Adelaide, uma mulher que não soube valorizar um sentimento verdadeiro e desprendido, deixando-se levar pela facilidade do luxo e dos prazeres materiais, deve ser castigada pela eternidade:

Mulher odiosa! **Eu vos amaldiçoo.** [...] O fel de um profundo, mas irremediável remorso, vos envenene no futuro, e desejado prazer, e no meio da opulência e do luxo, firam-vos sem tréguas os insultos de impiedosa sorte.

Arfe vosso peito, e estale por magoados suspiros, e ninguém os escute; e sobre esse sofrimento terrível cusparam os homens, e riam-se de vós (REIS, 2004, p. 91).

Porém, ao contrário de Úrsula, o fim de Adelaide não é a morte. Todas as personagens femininas, que incorporam o perfil de mulher adequada, morrem durante a narrativa³, menos Adelaide. A morte redentora, tal qual o que ocorreu com as demais personagens, não é o fim apropriado para uma pecadora, que traiu um sentimento sagrado, como o amor. Adelaide precisa ser punida, e seu castigo é continuar viva e solitária:

Nesse dia chorava Adelaide **suas primeiras lágrimas de dor**, porque a **opulência e o fausto não bastavam pra lhas estancar**. Seu primeiro esposo era já morto, envenenado por acerbos desgostos. Ela ludibriara o decrépito velho, que a roubara do filho; e ele em seus momentos de ciúme impotente amaldiçoava a hora em que a amara. Ela depois também chorou, e chorou muito; **porque as dores, que o céu lhe enviou, foram bem graves**. Casou segunda vez e o novo esposo, que não amava a sua deslumbrante beleza, a arrastou em aflição até o desespero (REIS, 2004, p. 237, grifo nosso).

Adelaide chora pela primeira vez, lágrimas de sofrimento, apenas no final da narrativa. Além disso, o dinheiro que tanto desejou não foi capaz de fazê-la feliz. Ela precisava ser punida, porque é assim que deve acontecer com a mulher pecadora. Há uma necessidade de castigo. E Adelaide, tal qual o comendador Fernando P..., é punida pelas leis divinas, porque a mulher pecadora merece os castigos celestes, enquanto a mulher de bem alcança as graças divinas.

Não apenas os modelos de comportamento feminis estão sendo difundidos na narrativa, mas a própria noção de culpa e responsabilidade. Os pecadores – ou vilões – devem ser punidos, pois há aqui a representação de uma luta que parece ser eterna e universal (e mesmo natural) entre o bem e o mal. E o mal (o Diabo) deve ser vencido, pois só há espaço, nessa organização da moral cristã, para a vitória do bem (Deus). E a cristandade colocou de um lado na representação do mal diabólico tudo que ia de encontro ao seu processo moralizador. Enquanto, ao lado oposto, encontrava-se o bem divino, ratificação da moral que se desejava perpetuar.

Na narrativa firminiana, a dialética do bem x mal se expõe nas figuras femininas de Úrsula e Adelaide, respectivamente, além dos personagens masculinos Tancredo e Fernando P.... Nota-se que tanto Úrsula, quanto Tancredo, representantes do bem, morrem, e esse ato é redentor, libertador, pois parecem alcançar um estado de graça, o Paraíso. Já Adelaide e Fernando P... não morrem rapidamente. Muito embora Fernando tenha morrido doente, isso acontecerá tempos depois das ações por ele praticadas e, mesmo assim, ele não se arrepende

³ A mãe de Tancredo, Luísa B... e a negra Susana morrem devido ao comportamento dos homens ao seu redor. A própria Úrsula morre por conta do ato de Fernando P..., que leva a morte de seu amado Tancredo.

por completo, tendo o Inferno como destino. Ocorre algo parecido com Adelaide, que continua viva e sofrendo. “Expõem-se aí, claramente, os padrões que governam o processo da narrativa” (RIBEIRO, 2008, p. 87) e que são criados a partir das representações sociais presentes no momento da escrita da trama, reforçando assim modelos de comportamento desejados, ou, ao contrário, criticando padrões considerados inadequados.

Bibliografia

FRUGONI, Chiara. A mulher nas imagens, a mulher imaginada. In.: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. (Orgs.). *História das mulheres no ocidente: a Idade Média*. Vol. 2. Porto: Edições Afrontamento, 1990. p. 461-511.

ISMÉRIO, Clarisse. *Mulher: a moral e o imaginário – 1889-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 120 p.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Editora Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004. 288 p.

RIBEIRO, Luis Felipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fundação Biblioteca Nacional, 2008. 465 p.

PRIORE, Mary Del (Org.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

_____. *História do amor no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 330 p.

_____. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 304 p.

SILVA, Douruézia Fonseca da. “Em briga de marido e mulher não se mete a colher?!”: a violência doméstica contra a mulher no Maranhão oitocentista. In: ABRANTES, Elizabeth de Sousa. *Fazendo gênero no Maranhão*. São Luís: Editora da UEMA, 2010.